

CUIDADO: FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO

Care: Highest Stage of Capitalism

Georgia Paula Martins Faust*

A obra *Care: Highest Stage of Capitalism* de Premilla Nadasen, lançada em outubro de 2023 nos Estados Unidos, apresenta uma análise perspicaz sobre a intricada interseção do capitalismo com a esfera da reprodução social, particularmente sob o contexto do neoliberalismo. Nadasen oferece uma investigação penetrante sobre a metamorfose do cuidado em uma fonte não apenas de sustento humano, mas também de acumulação de capital. A autora é ativista e historiadora, especializada na história das mulheres negras nos movimentos estadunidenses por bem-estar social. Sua expressiva experiência no campo destaca-se por seu trabalho no *National Domestic Workers Union of America* [Sindicato Nacional das Trabalhadoras Domésticas da América] e no *National Welfare Rights Organization* [Organização Nacional por Direitos de Bem-Estar Social]. É professora associada de História no Barnard College, tendo atuado como professora visitante na Universidade de Oxford e com outros dois livros publicados: *Welfare Warriors: The Welfare Rights Movement in the United States* e *Household Workers Unite: The Untold Story of African American Women Who Built a Movement* (Barnard College, 2024).

O título da obra, um eco direto ao trabalho de Vladimir Lenin (2011) sobre o imperialismo, serve como um prenúncio do exame meticuloso de Nadasen sobre a evolução constante do capitalismo. Ela argumenta de maneira persuasiva que, em meio ao neoliberalismo, o cuidado transcende seu papel tradicional de atividade essencialmente comunitária e familiar, frequentemente, realizada de forma não remunerada ou sub-remunerada para tornar-se uma mercadoria privatizada. Esse processo ocorre em contraste com sociedades comunitárias ou alternativas, onde o cuidado é visto como uma responsabilidade coletiva e parte integral da vida social, e não como uma fonte de lucro. Nadasen mostra como, no contexto do capitalismo neoliberal, o cuidado se transforma em uma inusitada fonte de acumulação de capital para os magnatas da economia, desviando-se de sua

*Universidade Federal de Santa Catarina. Doutoranda na linha de Estudos de Gênero no PPGICH/UFSC. Mestre em Educação pelo PPGE/FURB (bolsa CAPES/FAPES). Membro do Grupo de Pesquisa em Teoria da Reprodução Social (GE-TRS) da UFES e do Grupo de estudos e pesquisa Trabalho Escravidado Contemporâneo (GETEC), da UFS. E-mail: geo.faust@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5622-7413>.

função original de sustentar o bem-estar social para servir aos interesses do mercado.

O primeiro capítulo, intitulado ‘Parte da Família – Gênero, Trabalho e o Discurso do Trabalho de Cuidado’ inicia falando sobre como o movimento pelos direitos das trabalhadoras domésticas não remuneradas, entre as décadas de 1960 e 1980 especialmente nos Estados Unidos, via o trabalho doméstico não remunerado como labor, não primordialmente como cuidado ou emoção. Ativistas, incluindo o movimento *Wages for Housework*, utilizavam termos como *housework*, *household labor*, *domestic work* e reprodução social. O discurso feminista insistia que o trabalho doméstico fosse tratado igualmente aos outros trabalhos, rejeitando demandas por investimento emocional, considerado mais como exploração do que celebração.

A obra seminal de Arlie Hochschild (1983), *The Managed Heart* é citada no capítulo por Nadasen por ter introduzido o conceito de ‘trabalho emocional’, destacando-o como uma forma não reconhecida de exploração capitalista. Segundo a autora, os defensores do “cuidado” (como discurso), que incluem formuladores de políticas sociais, teóricos da ética do cuidado e defensores de práticas institucionais voltadas para o bem-estar, muitas vezes condicionam o bem-estar dos trabalhadores à sua dedicação aos empregadores. Isso resulta em uma aliança com uma política produtivista que atribui valor aos corpos humanos com base em escalas diferenciadas de mérito, priorizando a produtividade e a eficiência em detrimento do reconhecimento do cuidado como uma necessidade fundamental e um direito humano. Embora o trabalho de reprodução social seja desvalorizado em todas as suas formas, sua trajetória está intrinsecamente ligada a questões históricas como escravidão, colonialismo, imigração e trabalho forçado. A definição do trabalho de cuidado como “trabalho feminino” muitas vezes presente em discursos populares e algumas teorias feministas pode ser inadequada segundo o texto, pois homens ocupam funções em áreas como enfermagem, restaurantes, ensino e muitas outras. De fato, nem todo trabalho feminino é trabalho de cuidado, e nem toda atividade enquadrada como “trabalho de cuidado” envolve cuidar de alguém. Mesmo quando o assunto é trabalho doméstico, homens também sempre os realizaram, desempenhando funções como motoristas, cozinheiros e mordomos, antes e depois da escravidão, de acordo com Nadasen. Ao criticar a simplificação que associa exclusivamente mulheres ao trabalho de cuidado, Nadasen aponta para uma compreensão mais ampla e inclusiva das dinâmicas de gênero no trabalho.

Embora a autora tenha considerado importante destacar esta realidade, reforço que, quantitativamente, os homens são minoria: dados da PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua) de 2022 revelam que 91,4% das trabalhadoras domésticas

remuneradas eram mulheres, ou seja, apenas 8,3% eram homens (DIEESE, 2023). E mesmo que os números fossem mais aproximados, há nuances diferenciadas que devem ser levadas em consideração. No livro citado por Nadasen, Hochschild (1983) alega que o trabalho emocional assume contornos diferentes entre homens e mulheres. As exigências e reconhecimento são profundamente influenciados pelas normas de gênero. As mulheres são mais frequentemente relegadas a papéis que exigem trabalho emocional intenso, mas seu esforço é subvalorizado e sub-recompensado. Homens, por sua vez, têm mais flexibilidade em evitar tais papéis, mas quando o trabalho emocional é necessário, ele tende a ser mais valorizado e melhor recompensado.

A autora destaca repetidas vezes no decorrer da obra que o recorte de raça também é explícito nos trabalhos de reprodução social, uma vez que mulheres negras muitas vezes são direcionadas para trabalhos considerados ‘menos espirituais’ e ‘não inspiradores’, enquanto os trabalhos mais valorizados são reservados a mulheres brancas. Em outras palavras, o trabalho de cuidado direto, como trocar fraldas, alimentar ou auxiliar nas tarefas escolares é para mulheres brancas, enquanto o trabalho de manutenção, como limpar a casa ou lavar as roupas é para mulheres negras e/ou imigrantes. Ou seja, alguns discursos e abordagens teóricas (a autora não os especifica) tratam todos os trabalhos considerados de cuidado sob um grande guarda-chuva, desconsiderando as importantes diferenças dentro desse campo. Segundo Nadasen, essa generalização universaliza falsamente as experiências das mulheres brancas. Citando a socióloga Evelyn Nakano Glenn, que escreve sobre a ‘organização social do cuidado’ e a ‘divisão racial do trabalho reprodutivo’, Nadasen observa que as mulheres negras são menos propensas a realizar trabalhos que envolvem cuidado direto e mais propensas a fazer a limpeza ‘nos bastidores’. Da mesma forma, a professora de direito Dorothy Roberts argumenta, segundo Nadasen, que o trabalho de cuidado ‘espiritual’ e ‘nutritivo’ é dominado por mulheres brancas, enquanto o trabalho ‘servil’, como a limpeza, é realizado por mulheres negras. Ao colapsar todas essas atividades sob o termo ‘trabalho de cuidado’, esses discursos acabam universalizando de forma incorreta as experiências de mulheres brancas.

O segundo capítulo, ‘O que é Reprodução Social e porque deveria importar?’ destaca a interseção entre produção e reprodução nas experiências de pessoas negras. Destaca que a exploração de pessoas escravizadas no contexto da produção e reprodução social ilustra como o capital se beneficia não apenas de sua força de trabalho, mas também de suas vidas, tratando-as como mercadorias. A autora argumenta que foi a externalização das tarefas domésticas mais difíceis e exaustivas para mulheres negras que permitiu às mulheres brancas de classe média desfrutar de um ideal romantizado de feminilidade, obscurecendo as contribuições econômicas e o fardo físico do trabalho doméstico. O trabalho escravo sustentava tanto a produção quanto a reprodução social,

reforçando a ideologia da pureza e limpeza associada à mulher branca de classe média do século XIX.

Nadasen alega que no estado de bem-estar social, a era do *New Deal* e das políticas da *Great Society* expandiram a rede de segurança social, mas muitas vezes excluía ocupações onde pessoas negras estavam concentradas. Já com o neoliberalismo, o aumento da insegurança econômica atingiu não apenas as comunidades mais pobres, mas também as classes média e trabalhadora, que antes beneficiavam-se dos programas sociais do século XX. A visão do capital sobre a instabilidade, como apontado por teóricos como Nancy Fraser (2017) e David Harvey (2005), não é de devastação, mas de oportunidade. O capital financeiro, em particular, lucra com a instabilidade e a crise, seja através de seguros, especulação ou compra e venda de futuros. Para Nadasen, a crise da reprodução social se torna, assim, uma fonte de acumulação de capital para diversas entidades, desde empresas de cuidados até o complexo industrial prisional.

O capítulo 3 ‘Reprodução Social, Coerção e Cuidado’ examina a complexidade da reprodução social, argumentando que a compreensão do trabalho de reprodução social vai além do simples cuidado, sendo crucial situá-lo na história da escravidão, racismo, imperialismo e colonialismo. Segundo a autora, a desvalorização do trabalho remunerado de trabalhadores/as domésticos/as não se originou apenas de relações familiares e desigualdades de gênero no âmbito doméstico, mas também do poder estatal e da desigualdade racial no mercado de trabalho. As pessoas são, Nadasen afirma, ‘forçadas a cuidar’ de duas maneiras elementares: o trabalho racializado e generificado, que inclui a escravidão, imigração, trabalho prisional e servidão por contrato; e a ‘obrigação por status’, que tem suas raízes na construção da família como unidade baseada em parentesco, a separação trabalho-casa e as expectativas sociais do trabalho de cuidado não remunerado das mulheres.

É relevante destacar neste trecho que, para a autora, a noção de ‘cuidado’ diz respeito a nutrir emocionalmente, alimentar, cuidar, ajudar e amar seres humanos. Ela reforça que, embora seja essencial para a nossa sobrevivência, o cuidado como política, como discurso e como trabalho é complexo e contraditório. Nadasen alega que seria mais adequado utilizar o conceito de ‘reprodução social’, pois torna mais evidente a relação econômica e o papel essencial do trabalho de cuidado para o funcionamento do sistema capitalista, situando o cuidado no contexto da acumulação financeira, das relações de trabalho e de poder.

O capítulo seguinte, ‘Diga para eles que a escravidão acabou: Reprodução Social e a Política de Resistência’, amplia o escopo da organização trabalhista e do terreno em que o capitalismo pode

ser desafiado, levando em consideração o trabalho remunerado e não remunerado de reprodução social que as pessoas realizam para seu próprio bem-estar e para reproduzir a força de trabalho para o capital. Nadasen aponta que essa ampliação da organização borra as fronteiras entre casa e trabalho, revelando o potencial de resistência e solidariedade entre trabalhadores remunerados e não remunerados, bem como entre pessoas que trabalham dentro e fora de casa, não apenas pelo trabalho, mas pela vida. O capítulo situa, no contexto estadunidense, lutas comunitárias, como aquelas por acesso à água limpa, escolas decentes e assistência médica acessível; lutas estas críticas para a manutenção da vida, ao lado do trabalho de reprodução social remunerado e não remunerado.

De acordo com a autora, a organização em torno da reprodução social pode ser reformista, servindo ao capital e adiando mudanças estruturais, ou pode apresentar ‘reformas não reformistas’, contribuindo para mudanças de longo prazo. A organização dos/as trabalhadores/as domésticos/as, exemplo oferecido por Nadasen, oferece um modelo de resistência aplicável a um número crescente de trabalhadores precários em uma economia neoliberal. Ao direcionar a atenção para trabalhadores fora dos sindicatos formais e pessoas excluídas deles, o capítulo argumenta que podemos obter uma compreensão mais sutil da política da classe trabalhadora. A luta da classe trabalhadora pode ser um termo mais amplo que inclua pessoas assalariadas e não assalariadas, envolvendo outras formas de lutas comunitárias em torno de moradia, alimentação e água.

Centros comunitários são exemplos dados de locais onde trabalhadores podem se organizar independentemente de um empregador específico ou mesmo de uma ocupação específica, porque seus esforços estariam enraizados na comunidade e não necessariamente no local de trabalho. Selma James e Mariarosa Dalla Costa (Dalla Costa; James, 2005 [1972]) já argumentaram na década de 1970 que as mulheres não precisavam se unir à força de trabalho assalariada e se sindicalizar para participar da luta de classes, pois já eram trabalhadoras, assim como os colonizados e escravizados, que contribuem para a riqueza capitalista.

Nadasen defende que a visão de que o trabalho doméstico é algo que deve ser rejeitado pelas mulheres é uma visão que não faz o recorte de raça e universaliza a experiência de mulheres brancas de classe média. Mulheres negras, ela alega, nos movimentos pelos direitos sociais exigiam o direito de realizar o trabalho doméstico para suas próprias famílias, em vez de ingressar no mercado de trabalho, ou seja, de se envolver no trabalho de reprodução social em seus próprios termos. Representavam uma parcela da comunidade negra que era negada o direito básico de cuidar de si e de seus entes queridos – pessoas consideradas ‘sem valor’ pelo capital e cuja força de trabalho talvez não fosse necessária. Segundo a autora, enquanto o movimento *Wages for*

Housework (WfH) rejeitava a linguagem do amor e do cuidado para suas próprias famílias, as ativistas pelos direitos sociais fundamentavam sua reivindicação nessa linguagem. Em uma análise mais aprofundada, sabe-se que o movimento WfH extrapolava a dicotomia trabalho-emoção, evidenciando a manipulação das emoções e a naturalização de habilidades socialmente consideradas femininas para obtenção de trabalho não remunerado (Federici, 2019; Toupin, 2018).

A hipocrisia do discurso do cuidado é tema do quinto capítulo, ‘Quem se importa? Cuidar (ou não cuidar) dos pobres’. Nadasen acusa o discurso do cuidado de falhar em atender às necessidades de cuidado dos pobres, já que nas últimas décadas, à medida que a assistência social foi transformada em mecanismo de punição, o número de crianças em lares temporários disparou. Segundo a autora, o discurso do cuidado, muitas vezes associado a uma economia do cuidado, em vez de aliviar a desigualdade, beneficia – e talvez inadvertidamente contribua – para ampliar divisões raciais e de classe. A afirmação de Nadasen sobre lares temporários não se comprova nos dados estadunidenses. De acordo com o relatório *Who Cares?*, o número de jovens em lares temporários [*foster care*] na verdade reduziu de 396.197 para 342.981 entre os anos de 2013 e 2023 (Fostering Media Connections, 2024).

O capítulo pondera que o aumento simultâneo do estado carcerário, simultaneamente ao desmonte do estado de bem-estar, ilustra a mudança na política social de apoio e assistência para contenção, coerção e vigilância. A criminalização dos beneficiários da assistência social levou pessoas pobres, em sua maioria negras, a se enredar no sistema legal por delitos menores, incluindo posse de drogas em pequena quantidade, vadiagem e mendicância. Segundo Nadasen, não é coincidência que a prisão tenha se tornado a alternativa mais provável à assistência social. A Guerra à Pobreza está intimamente ligada à Guerra ao Crime e o sistema de assistência social é menos sobre fornecer apoio e mais sobre punir os pobres.

‘Na cama com o capitalismo: o Estado, o Capital e o Lucro sobre os Necessitados’ é o título do Capítulo 6. Nele, Nadasen reforça o fato de que muitas responsabilidades públicas – cuidados com a saúde, educação, assistência social, coleta de lixo, manutenção de estradas, segurança e policiamento – foram transferidas para o domínio privado da família, comunidade, organizações sem fins lucrativos e mercado. A economia do cuidado é, portanto, alimentada por uma crise de reprodução social agravada pela ascensão do neoliberalismo. A autora aponta que a privatização dos serviços públicos tornou a prestação de serviços de cuidado a estratégia principal para gerar receitas para o setor privado.

O capítulo expõe que o surgimento da economia do cuidado não teria sido possível sem a

colaboração e intervenções estratégicas do estado. Ele sempre criou as condições para a acumulação de riqueza: de guerras imperiais travadas por matérias-primas à escravidão legalizada e ao racismo e sexismo institucionalizados; do deslocamento sistemático e/ou genocídio de povos indígenas ao aprisionamento de anarquistas e comunistas que ameaçavam o lucro capitalista. Mais recentemente, a autora exemplifica, vimos o desmonte do estado de bem-estar, a terceirização de responsabilidades estatais e a falha em regular empresas, organizações sem fins lucrativos e agências governamentais que recebem recursos estatais. Nada mais do que redistribuição de dinheiro do setor público para o setor privado.

O sétimo capítulo, ‘Mas alguns de nós são corajosos’, explora o conceito de ‘cuidado radical’ por meio de exemplos históricos de movimentos sociais que buscaram fornecer serviços essenciais, como alimentos, moradia e atendimento médico, fora das estruturas tradicionais e hierárquicas. Destaca o Programa de Café da Manhã Gratuito dos Panteras Negras, que desafiou as noções convencionais de cuidado ao questionar por que esses serviços não deveriam ser gratuitos para todos.

O cuidado radical é definido pela autora como uma abordagem não hierárquica, anticapitalista e coletiva, em contraste com o cuidado convencional, que muitas vezes está vinculado à produtividade neoliberal e ao individualismo capitalista. Os movimentos estudados no capítulo, como os Panteras Negras e os *Young Lords*, buscaram não apenas melhorar a vida das pessoas por meio de seus programas, mas também conscientizá-las sobre as desigualdades sistêmicas.

Nadasen defende que a economia de cuidados e a extração de lucro da reprodução social não são produtos exclusivos do neoliberalismo, mas têm raízes mais profundas no capitalismo. Identificar o problema como relacionado ao capitalismo, em vez do neoliberalismo, permite o desenvolvimento de soluções estruturais a longo prazo. É necessário, portanto, dismantlar a economia do cuidado, retornando algumas necessidades de cuidado aos espaços comunitários e continuar exigindo recursos estatais para que as pessoas mais vulneráveis não sejam abandonadas.

O capítulo destaca a importância de iniciativas de cuidado radical, como coletivos de cuidado entre pessoas com deficiência e organizações como a *No More Deaths*, que oferece ajuda humanitária na fronteira dos Estados Unidos com o México. Essas práticas são vistas pela autora como modelos de democracia e engajamento comunitário, contribuindo para movimentos de longo prazo. Nadasen argumenta que o cuidado radical é fundamental para a transformação social, desafiando as estruturas de lucro capitalista. Conclui destacando movimentos contemporâneos,

como o *Movimento Black Lives Matter*, que defendem o direito à educação, moradia, terra e cuidados de saúde, promovendo práticas de cuidado coletivo e democrático.

Segundo Nadasen, o cuidado é uma ética e práxis fundamental em lares, famílias, comunidades e movimentos sociais. O texto chama a atenção para a necessidade de imaginar o cuidado como um local de prazer, alegria e construção de comunidade, enquanto critica a suposta correlação entre segurança econômica e realização pessoal propagada pelo individualismo neoliberal: um futuro radical baseado no individualismo não é viável.

Em conclusão, o livro aborda a intrincada relação entre a economia de cuidados e o capitalismo, explorando como as práticas de cuidado têm sido exploradas para lucro em vez de atender às necessidades humanas. Ao traçar a história do cuidado nos Estados Unidos, desde movimentos sociais até políticas governamentais, a autora destaca a urgência de repensar fundamentalmente o cuidado como uma prática radical, coletiva e não hierárquica. A importância dessa obra reside na sua análise crítica, desafiando concepções arraigadas sobre o cuidado, e propõe alternativas necessárias para imaginar e construir uma sociedade mais justa e equitativa. Para as intelectuais brasileiras, o livro de Nadasen oferece *insights* valiosos que podem ser utilizados para compreender as interseções complexas entre economia, cuidado e luta social no Brasil. No entanto, é importante considerar as especificidades locais, como as profundas desigualdades raciais e socioeconômicas e a influência histórica da escravidão, que moldam as formas como o cuidado é organizado e valorizado no contexto brasileiro. As conexões entre cuidado, economia, reprodução social e neoliberalismo no Brasil assumem feições distintas, necessitando de uma adaptação crítica das teorias apresentadas por Nadasen.

Apesar dessas diferenças contextuais, a leitura do livro é crucial para quem busca compreender essas interseções e oferece uma base teórica robusta para repensar práticas de cuidado em direção a uma transformação radical. O livro não só desafia as concepções arraigadas sobre o cuidado, mas também serve como um ponto de partida para debates e pesquisas futuras que visem adaptar suas propostas às realidades brasileiras, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

REFERÊNCIAS

DALLA COSTA, M.; JAMES, S. *The Power of Women and the Subversion of the Community*. 3. ed. Bristol: Falling Wall Press Ltd., 1975 [1972].

DIEESE. *Trabalho Doméstico*. DIEESE, 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/infografico/2023/trabalhoDomestico2023.html> . Acesso em: 19 mai. 2024.

FEDERICI, S. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019. 388 p.

FOSTERING MEDIA CONNECTIONS. *Youth in Care. Who Cares: A National Count of Foster Homes and Families*, 2024. Disponível em: <https://www.fostercarecapacity.com/data/youth-in-care> . Acesso em: 22 mai. 2024.

FRASER, N. Crisis of Care? On the Social-Reproductive Contradictions of Contemporary Capitalism. In: BHATTACHARYA, T. *Social Reproduction Theory: Remapping Class, Recentering Oppression*. London: Pluto Press, 2017.

HARVEY, D. *A Brief History of Neoliberalism*. 2005: Oxford, 2005.

HOCHSCHILD, A. R. *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*. Berkeley: University of California Press, 1983.

LENIN, V. *Imperialismo: etapa superior do capitalismo*. Campinas: FE/Unicamp, 2011.

NADASEN, P. *Care: The Highest Stage of Capitalism*. Chicago: Haymarket Books, 2023.

NADASEN, P. Premilla Nadasen. History - *Barnard College*, 2023. Disponível em: <https://history.barnard.edu/profiles/premilla-nadasen> . Acesso em: 23 jan. 2024.

TOUPIN, L. *Wages for Housework: A History of an International Feminist Movement, 1972-77*. Tradução de Käthe Roth. Vancouver, London: UBC Press and Pluto Press, 2018.

Licença e Direitos:



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).